

# VERITAE

TRABALHO PREVIDÊNCIA SOCIAL SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO

*Orientador Empresarial*

## ARTIGOS

### EDUCAÇÃO E NEGOCIAÇÃO COLETIVA

*...Em clima de escassez de talentos, é natural que negociadores escolados fiquem impotentes para resistir a pedidos de aumentos reais de salários e benefícios, bastante expressivos, como ocorre agora com várias categorias.*

*\*Por Prof. José Pastore,  
Em setembro de 2012*

Muitos empresários me procuram para pedir ajuda com relação aos seus profissionais de recursos humanos e de relações do trabalho, argumentando que eles não estão preparados para negociar nos tempos modernos. Alegam que eles foram acostumados a conceder aumentos salariais generosos, quando as firmas podiam passar tudo para os preços, bem diferente da época atual, quando a pressão da concorrência exige o máximo rigor no desempenho das empresas.

Ainda que em muitos casos isso se justifique, resisto a aceitar o argumento. Conheço muitos negociadores de grande preparo que se estão vendo em apuros com as pressões que vêm dos sindicatos laborais e dos próprios trabalhadores. Os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) revelam que, na prática, todos os brasileiros estão recebendo aumentos de salários e benefícios superiores à inflação.

Fundamento a minha descrença na hipótese da incompetência dos negociadores com dados do mercado de trabalho. Apesar da propalada desaceleração da economia, as empresas continuam encontrando enormes dificuldades para contratar profissionais competentes. O desemprego está abaixo de 6%. O emprego formal segue aumentando. A empresa que ameaçar conceder aumentos irrisórios não só deixa de contratar, como perde seus bons profissionais para a concorrência.

Em clima de escassez de talentos, é natural que negociadores escolados fiquem impotentes para resistir a pedidos de aumentos reais de salários e benefícios, bastante expressivos, como ocorre agora com várias categorias. O governo federal conseguiu segurar o ímpeto dos sindicatos. Mas, bem diferente da empresa que tem de entregar o seu produto com qualidade e pontualidade, sob risco de pagar multas e perder mercado, o governo, infelizmente, tem pouco compromisso com os cidadãos. Se hoje não há aula,

paciência, amanhã haverá reposição (acredite se quiser). Se hoje não há atendimento hospitalar, amanhã se vai tirar o atraso (idem).

Ou seja, as empresas que têm concedido aumentos expressivos não deveriam culpar os negociadores por isso. É claro que há exceções. Mas, no geral, o atual modelo de consumo ainda está gerando forte demanda sobre a maioria das firmas que não podem deixar de atender aos seus compromissos. Para agravar a situação, o País assiste a uma redução da oferta de trabalho como reflexo das quedas das taxas de fertilidade do passado e do prolongamento dos anos de estudo no presente, o que adia a entrada dos jovens no mercado de trabalho.

Se isso, de um lado, justifica a dificuldade de conter a explosão de salários e benefícios, de outro, chama a atenção para as graves consequências do descasamento entre produtividade e custo do trabalho. Na ânsia de contratar e reter os que aparentam ser os melhores empregados, as empresas elevam as ofertas, aumentam os pisos salariais e alteram toda a sua estrutura salarial. Como na maioria dos casos os aumentos concedidos são superiores à produtividade do trabalho (em razão da precária formação dos profissionais e do baixo nível de inovação), a diferença tem de ser buscada no lucro, o que afeta o investimento e o desenvolvimento futuros.

É isso que está ocorrendo. A má qualidade da educação está comprometendo a sustentabilidade do crescimento do País. Esse problema não se resolve trocando os negociadores, e exige, isso sim, um programa sério de melhoria dos professores e gestores das escolas; a pressão generalizada dos pais por melhor ensino; o maior envolvimento das empresas na capacitação de seus empregados; e a expansão dos investimentos em inovações, pesquisa e desenvolvimento. Temos de nos convencer. O Brasil deixou de ser um país de mão de obra farta e barata. Nessas condições, o que se impõe é tudo fazer para elevar a produtividade dos trabalhadores que custam mais caro.

*\* José Pastore é Professor de Relações do Trabalho da Universidade de São Paulo, Presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras.  
Artigo publicado originalmente pelo Jornal O Estado de S.Paulo, em 25.09.2012.*

As opiniões expressas nesta Seção são de responsabilidade de seus Autores, sendo, a divulgação por VERITAE Orientador Empresarial, devidamente autorizada pelos mesmos.
---

Mantenha os Endereços Eletrônicos de sua Organização sempre atualizados e sua Assinatura em dia para não serem prejudicados nos envios das atualizações. Para verificar a regularidade de sua Assinatura VERITAE e atualizar seus Endereços Eletrônicos, encaminhe uma solicitação através do endereço [adm@veritae.com.br](mailto:adm@veritae.com.br)

*Um Ótimo Dia para Você!*  
Equipe Técnica **VERITAE**  
[veritae@veritae.com.br](mailto:veritae@veritae.com.br)  
[www.veritae.com.br](http://www.veritae.com.br)

**Estamos no Twitter! Follow us: [www.twitter.com/VERITAE\\_NEWS](http://www.twitter.com/VERITAE_NEWS)**